

**IX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del
Deporte (ALESDE)
Deportes, prácticas democráticas y sociedad: nuevas encrucijadas y desafíos en las
tramas regionales**

**Laurel Hubbard en los Juegos de Tokio 2020: análisis de las construcciones narrativas
de la inclusión de una atleta trans¹**

**Laurel Hubbard nos Jogos de Tóquio 2020: análise das construções narrativas sobre a
inclusão de uma atleta trans**

Eje 4: Deporte, cuerpo y género.

Autores/as:

Coelho, Gabriel

Universidade Federal de Viçosa, Brasil, gabriel.f.coelho@ufv.br

Resumen: Analisando a configuração hegemônica das competições esportivas, percebe-se que o binarismo de gênero, denunciado por correntes teóricas pós-estruturalistas e socioculturais, prevaleceu e ditou normas, o que produziu contradições. Tentando responder a isso, o Comitê Olímpico Internacional (COI) estabeleceu, no início deste século, diretrizes para tornar elegível a participação de atletas transgênero nos esportes. Estas normas, que passaram por reformulações ao longo dos anos, permitiram que a levantadora de peso trans, neozelandesa, Laurel Hubbard, competisse contra mulheres cisgênero nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Tendo em mente que preconceitos atravessam as carreiras esportivas de mulheres trans, este trabalho busca examinar a cobertura midiática a respeito da participação desta atleta nos Jogos Olímpicos. Para realizar esta análise, foram catalogadas reportagens a partir da aba “Google News”, do “Google.com”, aplicando critérios de inclusão e exclusão.

¹Apoio financeiro CNPq/ CAPES.

Foi desenvolvida uma reflexão a respeito das construções narrativas presentes nas reportagens catalogadas, tratando os dados a partir da análise de discurso e, também, pelo modelo analítico de codificação/decodificação proposto por Stuart Hall. Este trabalho discute os principais resultados de uma pesquisa maior ao qual este estudo se vincula, e discorre a respeito de narrativas comuns identificadas entre os veículos midiáticos brasileiros, que podem reforçar preconceitos já concretamente estabelecidos.

Palabras clave: Trans – Jogos Olímpicos – Cobertura midiática – Análise de discurso.

1. Introducción

No cenário esportivo internacional, o binarismo de gênero tem influenciado diretamente a organização das modalidades, inclusive nos Jogos Olímpicos. Criou-se, a partir de pressupostos biologicistas, uma dicotomia entre “masculino” e “feminino”, colocando-os em pólos opostos e compactando as identidades de gênero, o que refletiu diretamente nas práticas corporais (Devide et al., 2011). Entretanto, esta organização não fica imune a tensões, uma vez que sujeitos “transgênero” (trans) - termo guarda-chuva que abriga transexuais, pessoas não binárias, travestis, intersexo, etc - são resistência contra o binarismo e a heterocisnormatividade, que impõem a crença de que identificar-se com o gênero atribuído no nascimento e ser heterossexual é uma norma (Camargo & Kessler, 2017).

Durante anos, o Comitê Olímpico Internacional (COI) aplicou testes de gênero que policiavam a participação de mulheres nos esportes e denunciavam as que tensionavam o binarismo (Sullivan, 2011). Após contradições, estes testes foram abolidos, abrindo margem para que em 2004 fossem estabelecidas as primeiras diretrizes para a participação de pessoas trans nos esportes. O COI definiu que homens e mulheres trans deveriam passar por cirurgia de redesignação de gênero e adquirir reconhecimento legal. Mulheres trans ainda precisavam de dois anos de intervenção hormonal para competir nos esportes (Comitê Olímpico Internacional, 2004).

Em 2015, devido a questionamentos, o COI decidiu rever as normas, realizando mudanças nas diretrizes, abolindo a exigência de cirurgia e reconhecimento legal para mulheres e homens trans. Foram atribuídas regras a serem cumpridas apenas para mulheres trans, sendo necessária a comprovação de taxa inferior a 10 nmol/L de testosterona no sangue, pelo menos um ano antes da competição, mantendo-a durante a disputa (Comitê Olímpico Internacional, 2015).

Em 2021, o COI decidiu mudar de postura quanto à presunção de “vantagens biológicas” de mulheres trans, passando a incentivar o desenvolvimento de estudos para melhorar as políticas de elegibilidade para cada esporte. A entidade também concedeu autonomia para as federações internacionais definirem suas diretrizes, e estabeleceu princípios que deveriam ser seguidos para políticas mais inclusivas (Comitê Olímpico Internacional, 2021).

Neste contexto, a levantadora de peso Laurel Hubbard, mulher trans neozelandesa, tornou-se elegível para competir nos Jogos Olímpicos. Assim, na edição de Tóquio 2020 - realizada em 2021 - ocorreu a primeira participação de uma mulher trans neste evento. Laurel competiu contra mulheres cisgênero (cis) - aquelas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento (Jesus, 2012) - dentro da “categoria feminina”². Este trabalho parte de uma pesquisa maior, que analisa como a cobertura midiática brasileira repercutiu a histórica participação de Laurel Hubbard nos Jogos Olímpicos, objetivando identificar construções discursivas comuns entre os veículos.

2. Desarrollo

2.1 Metodología

Este é um estudo qualitativo, com objetivo de examinar as narrativas midiáticas sobre a participação de Laurel Hubbard nos Jogos Olímpicos. Há ausência de pesquisas que analisem a cobertura brasileira sobre a participação de Laurel, o que justifica esta pesquisa. Os dados utilizados foram retirados de reportagens brasileiras, catalogadas a partir da aba “Google Notícias”, do “Google.com”. Para realizar a busca, foram definidos os seguintes descritores: “Laurel Hubbard AND trans AND Jogos Olímpicos”, “trans AND Jogos Olímpicos AND Tóquio”, e “Olimpismo AND trans AND mulher”.

Foi definido um recorte para reportagens publicadas entre 23 de Julho de 2021 e 08 de Agosto de 2021 - período em que ocorreram os Jogos. Os critérios de inclusão foram reportagens, matérias e/ou notícias específicas sobre a participação de Laurel nos Jogos Olímpicos, e foram excluídas aquelas que exigiam assinaturas para que fossem acessadas, ou cópias de outras reportagens publicadas anteriormente. Os dados foram tratados a partir da análise de discurso (Gill, 2008), juntamente com o modelo analítico de codificação/decodificação de Stuart Hall (2003).

2.2 Resultados y discusión

² O conceito “categoria feminina” pode reforçar o binarismo de gênero, no entanto, este texto utilizará as expressões “categoria feminina” e “categoria masculina” entre aspas, uma vez que os Jogos Olímpicos se organizam a partir destas divisões.

Após realizada busca e aplicação dos critérios, foram catalogadas 16 reportagens de veículos brasileiros. Não cabe aqui destrinchar cada uma delas, mas na sequência, serão apontadas e exemplificadas algumas construções narrativas comuns, observáveis dentro da repercussão brasileira.

Uma primeira construção narrativa comum entre os veículos brasileiros foi o discurso da controvérsia sobre a participação de Laurel. O portal “G1”, do site “Globo.com”, afirmou que Laurel “provocou um debate por sua convocação, depois de cumprir os critérios do Comitê Olímpico Internacional (COI)” (Presse, 2021, parágrafo 3). Nota-se que o portal não deixa explícito quem são os debatedores, o que é mantido na matéria: “Outras pessoas alegaram que teria uma vantagem injusta sobre as rivais, por suas capacidades físicas herdadas de décadas atrás, quando competia como homem” (Presse, 2021, parágrafo 11).

Apesar deste discurso, a literatura apresenta uma lacuna quanto à análise do processo de intervenção hormonal em atletas trans, mostrando que pesquisadores precisam se engajar mais no tema (Cunha, 2023; Pereira, Garcia & Pedrosa, 2020). Portanto, quando é reiterado que Hubbard “provocou um debate”, entende-se que não refere-se a especialistas. Ofuscar esta informação é uma forte estratégia retórica para persuadir o público e criar o que Hall (2003), chama de “leitura preferencial”. Segundo Scovel, Nelson & Thorpe (2023), a mídia internacional repercutiu a participação de Laurel como uma “controvérsia legítima”, de maneira muito similar às narrativas dos veículos brasileiros.

O site “Pleno News”, utilizou as diretrizes do COI como instrumento para reforçar a ideia de controvérsia. Afirma-se que: “Hubbard é elegível para competir nas Olimpíadas desde 2015, quando o COI emitiu novas diretrizes permitindo a qualquer atleta transgênero competir como mulher...” (Moura, 2021, parágrafo 3). São ofuscadas informações a respeito das recomendações e trazidas informações incoerentes. Não é verdade que qualquer mulher trans pode competir, uma vez que a entidade estabelece um nível de testosterona sanguínea que deve ser comprovado pelas atletas. Duas hipóteses podem explicar o equívoco desta reportagem. A primeira, é a de que a autoria simplesmente desconhece as diretrizes do COI, enquanto na segunda, é possível que exista uma estratégia discursiva para reforçar a leitura preferencial de que as recomendações de elegibilidade são inadequadas.

Outra narrativa comum foi sobre a performance esportiva de Laurel, tratada como surpreendente, visto que a atleta não conquistou uma medalha. A revista Galileu apontou a performance como: “surpreendente, já que a atleta era considerada uma das favoritas ao pódio no levantamento de peso devido ao seu histórico no esporte” (“Laurel Hubbard”, 2021, parágrafo 3). Ao longo do texto, a participação de Laurel na “categoria masculina” é

resgatada para justificar a surpresa: “participava de disputas na categoria masculina e levantava cerca de 300 kg em competições domésticas” (“Laurel Hubbard”, 2021, parágrafo 3). No processo de codificação desta mensagem, cria-se a leitura preferencial de que o período pré-redesignação de Hubbard é um indicativo de que a atleta conquistaria alguma medalha.

Esta narrativa também foi notável na reportagem do “Pleno News”, que deu destaque para a performance da atleta no título: “Primeiro atleta trans dos Jogos Olímpicos fica sem medalha” (Moura, 2021) e subtítulo: “Laurel Hubbard não conseguiu passar para a segunda parte da competição” (Moura, 2021). Nota-se que há um equívoco quanto a identidade de gênero de Laurel, tratando-a no masculino, o que induz a leitura preferencial de que ela é um homem. Além disso, também é perceptível o destaque para a performance da atleta, compreendendo que o decodificador será surpreendido com o resultado de sua participação.

Sinalizamos duas possíveis interpretações para a utilização desta construção discursiva. A primeira é a que há uma compreensão de que ressaltar que a atleta não conquistou medalhas pode gerar satisfação, ou sentimento de justiça ao público decodificador da mensagem, uma vez que as carreiras esportivas de mulheres trans são constantemente atravessadas por contestações de sua elegibilidade quando competem contra mulheres cis (Iwamoto, 2020; Pedrosa, Garcia & Pereira, 2023). A segunda justificativa está na suposição de vantagens biológicas, subtexto recorrente na carreira destas atletas (Zoboli, Manske & Galak, 2021). Essa suposição pode interferir no processo de codificação/decodificação da mensagem, corroborando com estas narrativas.

Ainda que necessitam-se de mais estudos, uma revisão bibliográfica apontou que poucas são as evidências que fundamentam a ideia de que mulheres trans possuem vantagens nos esportes (Pavlenko, 2022). Todavia, a suposição de vantagens foi pauta recorrente nas narrativas brasileiras, circundando as já citadas anteriormente, ou sendo trazidas nas entrelinhas. Isto é notável nos sites “O Tempo” e “Exame”, que destacaram a idade de Laurel em comparação com as demais atletas, nos trechos: “Dez anos mais velha do que a segunda em idade na disputa, Laurel havia se classificado ao levantar 115 kg no arranque.” (“Primeira trans em Olimpíadas”, 2021, parágrafo 2) e “Aos 43 anos, a halterofilista neozelandesa Laurel Hubbard tem quase o dobro da idade média de seus competidores em Tóquio em 2020” (“Atleta trans do levantamento de pesos”, 2021, parágrafo 1).

Os codificadores dessas reportagens, possivelmente associam idade com queda no rendimento esportivo, tornando a idade de Laurel um fator suspeito. O destaque para a idade da atleta dentro desta construção narrativa, corrobora com a leitura preferencial de que existem

vantagens em Hubbard. A reportagem da “Exame”, ainda definiu a participação de Laurel nos Jogos Olímpicos como: “uma questão tão polêmica quanto se os Jogos deveriam ter acontecido durante uma pandemia global” (“Atleta trans do levantamento de pesos”, 2021, parágrafo 2). A hipérbole auxilia na leitura preferencial de que a participação da atleta é questionável, contribuindo tanto para a narrativa das vantagens biológicas, quanto para a narrativa da controvérsia.

Um veículo específico chamou atenção por se posicionar explicitamente e combinar todas as narrativas apresentadas anteriormente. Trata-se do site “Gospel Prime”, veículo evangélico que se engaja bastante em pautas políticas. O site nega a identidade de gênero de Laurel desde o título, e reforça isso no trecho: “Laurel Hubbard, homem biológico que se identifica como mulher trans, não conseguiu avançar nos Jogos Olímpicos.” (“Trans é eliminado”, 2021, parágrafo 1). Através da expressão “homem biológico”, cria-se a leitura preferencial de que Laurel é um homem. A utilização desta expressão nitidamente ressalta que o biológico é o fator determinante para a identidade de gênero de um sujeito, contrariando os estudos de gênero, que o compreendem como uma construção sociocultural, fluida e constitutiva da subjetividade das pessoas (Butler, 2018).

Nesta mesma reportagem, performances de Laurel Hubbard são trazidas, mas destacam-se resultados que aconteceram antes dos Jogos Olímpicos. Observa-se isso em: “quebrou vários recordes da ex-atleta olímpica e levantadora de peso aposentada da Nova Zelândia, Tracey Lambrechts, depois que começou a competir na categoria feminina” (“Trans é eliminado”, 2021, parágrafo 5). Chama-se atenção a bons resultados obtidos pela atleta após começar a competir contra mulheres cis, tratando a redesignação de gênero como divisor de águas para bons resultados, mesmo que a participação nos Jogos Olímpicos não tenha resultado em medalhas. Esta construção discursiva é feita para causar espanto no decodificador, que provavelmente clicou no título buscando esta reação, tendo em vista o possível público-alvo do site. Isto justifica o destaque para outras performances além dos Jogos Olímpicos.

Ademais, novamente tem-se a narrativa da controvérsia: “No entanto, muitas pessoas se opõem a homens biológicos que se identificam como mulheres competirem com mulheres biológicas.” (“Trans é eliminado”, 2021, parágrafo 7). A inclusão de pessoas trans nos esportes é polemizada, e assim como em outros veículos, se usa a estratégia retórica de ofuscar quem são os opositores, citando na sequência do texto apenas “Beth Stelzer”, representante de um grupo contrário a inclusão de mulheres trans nos esportes. Todavia, ainda que a reportagem ofusque essa informação, devido a escassez de estudos na temática, entende-se que é o público não especialista responsável por desenvolver este debate.

Reportagens tendenciosas como esta auxiliam para trazer o público geral para uma discussão que deveria ser feita com mais seriedade, profissionalismo e cautela.

3. Reflexiones finales/conclusiones

Após analisar a cobertura midiática brasileira sobre a participação de Laurel Hubbard nos Jogos Olímpicos, foi possível notar construções discursivas comuns entre os sites. Foram narrativas sobre uma controvérsia por trás da inclusão de Laurel, surpresa e destaque sobre a performance da atleta, e a suposição de vantagens biológicas em mulheres trans. As diretrizes do COI foram trazidas de maneira simplificada ou equivocada pelos codificadores das reportagens, o que auxiliou para fortalecer discursos que polemizaram a participação de Hubbard. Os portais midiáticos se mostraram despreparados para tratar questões de gênero nos esportes, cometendo equívocos e construindo discursos que corroboram para preconceitos estabelecidos socialmente. Analisando as reportagens a partir da análise de discurso, é perceptível que não há imparcialidade, ainda que existam construções discursivas bem elaboradas para tentar camuflar opiniões. Muitos dos veículos midiáticos podem possuir alto poder de persuasão e construir discursos que colaborem para a disseminação de preconceito e deslegitimação de pessoas trans no cenário esportivo. Isto torna necessária a atenção a estas narrativas, para preparar melhor os comunicadores e educar a população para compreender estes contextos através de lentes mais inclusivas e respeitosas.

4. Referencias bibliográficas

Atleta trans do levantamento de pesos faz sua estreia nos Jogos de Tóquio. (2021, 1 de

Agosto). *Exame*. Recuperado de

<https://exame.com/casual/atleta-trans-do-levantamento-de-pesos-faz-sua-estrela-nos-jogos-de-toquio/>

Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio.

Camargo, W. X., & Kessler, C. S. (2017). Além do masculino/feminino: Gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes*

Antropológicos, 23, 191-225. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100007>

- Comitê Olímpico Internacional. (2004, 17 de Maio). IOC approves consensus with regard to athletes who have changed sex. *Olympic News*. Recuperado de <https://olympics.com/ioc/news/ioc-approves-consensus-with-regard-to-athletes-who-have-changed-sex-1>
- Comitê Olímpico Internacional. (2015). IOC consensus meeting on sex reassignment and hyperandrogenism. *Olympic News*. Recuperado de https://stillmed.olympic.org/Documents/Commissions_PDFfiles/Medical_commission/2015-11_ioc_consensus_meeting_on_sex_reassignment_and_hyperandrogenism-en.pdf
- Comitê Olímpico Internacional. (2021, 16 de Novembro). IOC releases framework on fairness, inclusion and non-discrimination on the basis of gender identity and sex variations. *Olympic News*. Recuperado de <https://olympics.com/ioc/news/ioc-releases-framework-on-fairness-inclusion-and-non-discrimination-on-the-basis-of-gender-identity-and-sex-variations>
- Cunha, L. R. (2023). Atletas transgênero e esportes de elite: Uma revisão científica. *Revista Direito e Sexualidade*, 190-198. Recuperado de <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/29341-libre.pdf>
- Devide, F. P., Osborne, R., Silva, E. R., Ferreira, R. C., Clair, E. S., & Nery, L. C. P. (2011). Estudos de gênero na educação física brasileira. *Motriz: Revista de Educação Física*, 17, 93-103. doi: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>
- Gill, R. (2008). Análise de discurso. In M. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (pp. 244-270). Rio de Janeiro: Vozes.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Editora UFMG.

- Iwamoto, T. C. (2020). Do mundo offline para o online: Discursos em rede contra a inclusão de atletas transexuais. *CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, (31). doi: <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30788>
- Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: Conceitos e termos*. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião (2ª ed.). Recuperado de <https://www.ufmg.br/orientacoes-sobre-identidade-de-genero-conceitos-e-terminos>
- Laurel Hubbard: Conheça a primeira atleta transgênero das Olimpíadas. (2021, 2 de Agosto). *Galileu*. Recuperado de <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/08/laurel-hubbard-conheca-primeira-atleta-transgenero-das-olimpiadas.html>
- Moura, P. (2021, 2 de Agosto). Primeiro atleta trans dos Jogos Olímpicos fica sem medalha. *Pleno News*. Recuperado de <https://pleno.news/esportes/primeiro-atleta-trans-dos-jogos-olimpicos-fica-sem-medalha.html>
- Pavlenko, F. (2022). Transgender women athletes and elite sport: A scientific review. The Canadian Centre for Ethics in Sport (CCES). Recuperado de <https://cces.ca/transgender-women-athletes-and-elite-sport-scientific-review>
- Pedrosa, G. F. S., Garcia, R. M., & Pereira, E. G. B. (2023). A cobertura televisiva sobre atletas transgênero: O caso do esporte espetacular. *Movimento*, 29, e29045. doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.129681>
- Pereira, E. G. B., Garcia, R. M., & Pedrosa, G. F. S. (2020). Análise bibliométrica sobre atletas transgênero no esporte. *Revista Gênero*, 21(1), 112-138. Recuperado de <https://www.researchgate.net/publication/ANALISE-BIBLIOMETRICA-SOBRE-ATLETAS-TRANSGENERO-NO-ESPORTE.pdf>

- Presse, F. (2021, 2 de Agosto). 'Esporte é para todas as pessoas': A polêmica em torno da primeira atleta transgênero a competir nas Olimpíadas. *GI*. Recuperado de <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/08/02/esporte-e-para-todas-as-pessoas-a-pol-emica-em-torno-da-primeira-atleta-transgenero-a-competir-nas-olimpiadas.ghtml>
- Primeira trans em Olimpíadas, Laurel Hubbard é eliminada no levantamento de peso. (2021, 2 de Agosto). *O Tempo*. Recuperado de <https://www.otempo.com.br/sports/olimpiadas-2021/primeira-trans-em-olimpiadas-lau-rel-hubbard-e-eliminada-no-levantamento-de-peso-1.2521481>
- Scovel, S., Nelson, M., & Thorpe, H. (2023). Media framings of the transgender athlete as “legitimate controversy”: The case of Laurel Hubbard at the Tokyo Olympics. *Communication & Sport*, 11(5), 838-853. doi: <https://doi.org/10.1177/21674795221116884>
- Sullivan, C. F. (2011). Gender verification and gender policies in elite sport: Eligibility and “fair play”. *Journal of Sport and Social Issues*, 35(4), 400-419. doi: <https://doi.org/10.1177/0193723511426293>
- Trans é eliminado dos Jogos Olímpicos de Tóquio. (2021, 3 de Agosto). *Gospel Prime*. Recuperado de <https://www.gospelprime.com.br/trans-e-eliminados-jogos-olimpicos-de-toquio/>
- Zoboli, F., Manske, G. S., & Galak, E. (2021). A generificação dos corpos de atletas trans e políticas de biologização do sexo. *Revista Estudos Feministas*, 29, e79304. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279304>